

O Tapete Broinha, de Cláudia Araújo e Associação das Tecelãs de Caldas (MG), ganhou selo IF na Alemanha.

Foto: Roberto Setton

O NOVO É FEITO À MÃO

POR MARIANA DI ADDARIO GUIMARÃES

NOVO LIVRO DA JORNALISTA ADÉLIA BORGES APRESENTA UM RETRATO DA ATUAL APROXIMAÇÃO ENTRE DESIGN E ARTESANATO NO BRASIL E DEIXA EM ABERTO OS CAMINHOS QUE ESSA FELIZ ASSOCIAÇÃO PODE ABRIR.

As olarias do Cabo Santo Agostinho, em Pernambuco, ampliaram a oferta de produtos com a ajuda do grupo O Imaginário, da Universidade Federal de Pernambuco. (Foto: O Imaginário)

Ainda hoje, quando se fala em artesanato, predominam imagens de senhorinhas rendeiras ou de produtos rústicos (não exatamente no melhor sentido da palavra) vendidos em feirinhas. São imagens que realmente fazem parte da realidade do artesanato brasileiro, mas certamente não são as únicas perspectivas possíveis.

É nisso que acreditam vários designers que, desde a década de 1980, vêm intervindo positivamente no processo e resultado de artesãos brasileiros a fim de elevar a merecida visibilidade deste rico e colorido trabalho.

O panorama desta aproximação é tema do novo livro da jornalista Adélia Borges, "Design+artesanato, o caminho brasileiro", patrocinado pelo Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Social e pela agência Leo Burnett Taylor Made.

Tendo entrado no universo do design em 1970 sem formação específica, Adélia sempre estranhou o preconceito de muitos designers em relação ao tema. À medida que imergiu mais no jornalismo especializado, o estranhamento motivou a militância a favor desta forma de produção de objetos. Desde então, vem ministrando palestras dentro e fora do país, promovendo debates e realizando exposições não só a fim de desestigmatizar o artesanato, como

A mesa "Mandala", projetado por Claudia Moreira Salles e editada pela Casa 21, tem centro feito de palha trançada em Parnaíba, no Piauí.



Bordado das artesãs do Instituto Cultural Antônia Dumont sobre ilustração de Martha Dumont. Foto: Mariana Chamma.

Foto: Mariana Chamma.

para fomentá-lo na cadeia econômica.

Para a jornalista, a história de isolamento em relação ao design é reflexo do contexto da inserção da disciplina no Brasil. Diferente de lugares como a Itália, Japão e países escandinavos, onde o design se desenvolveu a partir da tradição artesanal, aqui temos uma história de institucionalização do design que tem como marco a criação da Escola Superior de Desenho Industrial (Esdi) fundamentada inteiramente na Ulm – Hochschule für Gestaltung Ulm.

"O ideário racionalista gestado na Europa pós-Revolução Industrial, segundo o qual a máquina liberaria o homem da escravidão do trabalho propiciando felicidade universal, veio para nós com muita força"¹, escreve. Isso fez com que os princípios de linguagem internacional, reprodutibilidade, bom design e "forma segue a função" não dessem espaço para processos mais livres e carregados de identidade, como o artesanato.

De acordo com pesquisas da autora, foi em meados de 1980 que designers como Renato Imbroisi, Janete Costa e Heloísa Crocco começam a ir para o interior do Brasil a fim de revitalizar o artesanato. O objetivo era melhorar e preservar os processos produtivos e técnicas passadas de geração para geração.

Esse movimento ganhou força e hoje se apresenta em diversas vertentes que são detalhadas no decorrer dos capítulos: melhoria das condições técnicas, potencialidade dos materiais locais, identidade e diversidade, construção de marcas, artesãos como fornecedores e ações combinadas.

Casos como as cerâmicas com motivos de pinturas rupestres no Piauí; cujas feitas de massa de papelão reciclado e fibras de bananeira em Minas Gerais;

sementes de urucum utilizadas como corante de tecido no Amazonas; flores feitas de couro de peixe no Mato Grosso do Sul; bolsas e cestos feitos de capim-dourado em Tocantins e a fauna local transformando-se em peças originais no Rio Grande do Sul estão entre as muitas iniciativas bem-sucedidas.

Como contraponto, Adélia Borges insere um capítulo dedicado apenas às lições aprendidas a serem levadas em conta quando escolhe-se caminhar junto aos artesãos brasileiros. Em “Relações Delicadas”, ela alerta para erros como estereotipar o trabalho e as pessoas, a facilidade de tornar raso que é profundo e o perigo do monólogo. Afinal, trata-se de um processo intenso de troca de troca, de aprendizados e não de impor princípios (e egos) do design.

CAMINHOS PARA TODOS OS LADOS

O livro “Design+artesanato, o caminho brasileiro” aparece num momento em que o fazer manual reaparece em diversas partes do mundo e em várias áreas criativas. Se falarmos em design gráfico, por exemplo, um olhar atento revela muitas peças feitas com técnicas manuais (que passam por letterpress, *papercraft*, colagem, massinha, crochê, ponto-cruz, entre tantas outras).

No design de produto, a mistura de arte e funcionalidade vem criando peças incríveis no universo dos móveis e objetos, sendo os escandinavos um dos expoentes do momento. A retomada do prazer de cozinhar é outra prova interessante do “fazer com as mãos”.

Todos esses movimentos são reflexos de um visível descontentamento em relação ao excesso de tecnologia e consumismo que faz com que se passe a prezar por outros valores, como calor humano e singularidade. Objetos artesanais, escreve Adélia, “... nos contam de um lugar preciso, onde foram feitos por pessoas concretas. São honestos, confiáveis. Transmitem cultura, memória. Trazem sentido de pertencimento. Por tudo isso podem tocar – e o uso do verbo tocar não é fortuito – o nosso coração, a nossa alma”².

“Design+artesanato, o caminho brasileiro” tem como objetivo principal estimular a aproximação

entre designers e artesãos visando uma relação duradoura, que dê significado e relevância ao trabalho dessas pessoas.

Contudo, mais que isso, o livro ajuda a refletir sobre quais caminhos são possíveis como designer levando em conta o contexto citado acima. Como projetistas, conhecer técnicas artesanais (que demandam muito conhecimento, não se enganem) aumenta o leque de habilidades.

Mas designers não são apenas projetistas. Também são contadores de histórias. E quem limita o repertório limita também a criatividade e segue apenas reproduzindo aquilo que vê nos livros e blogs especializados.

Quando se percebe quão rico é o artesanato brasileiro – em técnicas e materiais – entende-se que aqui mesmo existem muitos caminhos para inovar, se diferenciar e crescer, inclusive economicamente. ■

Design+artesanato: o caminho brasileiro

Autora: Adélia Borges
Editora Terceiro Nome

240 páginas

Preço: R\$ 80,00

¹ Pg. 32

² Pg. 205



Foto: Mariana Chamma.



Foto: Lucas Moura.



Foto: Mariana Chamma.

1. Grafismos desenvolvidos pelas artesãs de Santerém, Pará.

2. Luminária: Para esta luminária, as designers Tina Moura e Lui Lo Pumo compram a parte de palha das artesãs da serra gaúcha, tornando-as parte da cadeia de fornecimento.

3. A Poltrona multidão, de Fernando e Humberto Campana (mais conhecidos designers-artesãos do mundo), utiliza bonecas feitas em Esperança, Paraíba.

